

A amorosa educação que Cora Coralina e Paulo Freire ensinam

O povo que brinca amplia a lembrança do paraíso. Bom para o país é possuímos uma identidade associada a ritos que corporificam a sabedoria do brincar como o carnaval e o futebol. Enquanto professor, sinto sempre a necessidade de ritualizar em sala de aula esta mesma sabedoria.

O rito repercute a liberdade como força arquetípica. A noção de arquétipo, quando formulada pelo psicanalista suíço Carl Gustav Jung (1980), refere-se a um nível mais elementar da psique coletiva humana que, em resposta ao instinto de sobrevivência, produz imagens de grande poder simbólico, capazes de determinar o rumo de culturas inteiras. O poeta que sofre dessa influência libertadora – a influência do sonho da liberdade enquanto arquétipo - paradoxalmente sofre com sua própria falta de liberdade. Lendo recentemente “Cora Coralina: o mito de Aninha”, do professor Saturnino Pesquero Ramón (2003), pensei em tomar de empréstimo alguns aspectos de sua obra para refletir sobre como o Brasil revelou para o mundo o pensamento educacional de Paulo Freire.

A promessa de libertação encarnada na proposta pedagógica de Freire tragicamente foi abortada pela ditadura militar implantada no Brasil em 31 de março de 1964. O método de alfabetização de adultos criado pelo educador havia poucos meses começara a ser adotado como política pública através do Plano Nacional de Alfabetização, do governo João Goulart. Através deste método, a fórmula de uma docência que respeitava os saberes do povo e que com eles queria aprender ritualizava um profundo significado humanizador (Freire, 1996). A fonte mítica perde-se no tempo, mas permanece fornecendo o texto a partir do qual se encena a realidade, como afirma o antropólogo Roberto DaMatta (1987). A própria realidade então pode ser lida como um processo ritualístico. A força que o mito possui faz a poesia profetizar o futuro com todas as consequências que disso podem ser resultantes.

A poesia de Cora Coralina arquetipicamente orienta-se por uma arte de amar sem limites. Ramón lembra, com base em pensadores como Heidegger e Jung, que “o poeta, sinônimo do ser criativo em geral, é um simples veículo da obra, que tem (a obra) autonomia e vida própria”. Como consequência disso, a poesia manifesta-se como “uma força da natureza”, “que urge e se impõe (...) sem se incomodar com o bem-estar pessoal do ser humano que é o veículo da criatividade” (2003, p. 74). Como diz Ramón, a “gesta coralina”, ou seja, sua arte de viver a fim de que se concretizasse seu mito (o mito da grande mãe universal), arquetipifica a realidade, fantasiando-a em favor da amorosidade de que tanto Paulo Freire falou. A arte que

Cora Coralina legou ao mundo foi mais do que seus versos. Foi a memória amorosa de longa ritualização do sofrimento feminino.

A renúncia materna é um tema constante no teatro representado pela sociedade. Mães alimentam o arquétipo original dionisíaco - Dionísio, a divindade grega do prazer, da sensualidade e da embriaguez - amando o prazer sublimado pela dolorosa missão da renúncia existencial. Os quase 50 anos que Cora esperou para retomar seu projeto literário, desde o início de seu casamento até sua viuvez, dramatizaram sua emocionante entrega à memória da materna condição da espera. A dionisíaca amorosidade ardentemente plantou uma árvore no coração do Cerrado: a vida inteira de Cora e sua forma poética, forte por sua lírica brasilidade de aceitar a pedra que alimenta o medo da morte.

O apaixonante segredo que o mangue nos conta arde, por sua vez, na boniteza da amorosidade freireana. O mangue, como repositório do que apodrece, enaltece o brasileiro tenaz. Na geografia da cidade do Recife, de onde Paulo Freire partiu para o mundo, sua importância é poeticamente reveladora: como os monturos fumegantes da Vila Boa de Cora, o mangue produz o amor pelo artístico destino do povo. O caranguejo, animal do mangue, alimenta-se de restos e viceja, como as boninas que cobrem os monturos da Vila Boa. Ler na vida da poeta e do educador tais significados artisticamente revela o manso marulhar do mito brasileiro.

A leitura mítica que pode-se fazer da realidade instaura um modo de vivenciar o tempo chamado pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss (1976) de totêmico. Nele, a linearidade anula-se em favor da circularidade. A lembrança que articula o presente ao passado amorosamente promove uma aliança entre a arcada mítica de um povo e seu ponto atual de vida no fluxo do tempo. O medo da diferença regula a vontade que o ser humano possui de viver com outros seres humanos. Logos e mito alimentam-se mutuamente. Paulo Freire põe ênfase no amor da prática docente – um amor pelo conhecimento do outro. A freireana apologia à educação amorosa alimenta-se do arco mítico que ritualiza na realidade vivida o tempo eterno dos valores universais. “É nesta experiência do ritual coletivo que tomamos consciência de uma outra realidade tão fundamental quanto o indivíduo: a realidade da sociedade em que vivemos com suas fronteiras, limites, regras e, por causa disso mesmo, com a capacidade de nos unir uns com os outros na vivência coletiva dos ideais comuns”, ensina Roberto Da Matta (1987, p.150). A amorosidade freireana, a partir deste entendimento, orienta o fazer pedagógico a partir de uma verdade totêmica, em que o medo da diferença alia-se à necessidade de união.

A fonte que fornece a morte à vida e a vida à morte epicamente nos constrói. A revolução educacional proposta por Paulo Freire avizinha-se com a reconfiguração da ordem

mundial que coloca o Brasil como país fortalecido e erguendo-se em meio à descrença nos valores (essencialmente lúdicos) de seu povo. O fio que tece a narrativa de um país ardorosamente significando a porta de entrada no paraíso terrestre arranja a arte e a poesia. É a força do mito que fornece a magia necessária à amorosidade coralina e freireana. Ramón recupera o conto “Os meninos verdes”, de Cora Coralina, para amorosamente aprofundar o estudo sobre o mito do amor materno universal vivido pela poeta. O conto narra um determinado “acontecido”, que Cora assevera ser verdade: sete anõezinhos verdes são encontrados ao pé de duas “plantas estranhas” que haviam brotado espontaneamente no quintal da casa velha da ponte. Ramón (2003, p. 226) relaciona os anõezinhos (“seres vivos – com todas as formas de crianças em miniatura”) com os filhos de Cora, que também foram sete (seis biológicos e um adotado). Foram, os filhos e filhas da poeta, o destino forçando a ritualização do mito.

Os meninos verdes provêm do fundo da terra, com seus prantos por proteção. É a alma da terra que chora, em seu “repouso nos universos imaginados pelo devaneio”, como diz o filósofo Gaston Bachelard (1996, p. 15). A fealdade do povo brasileiro provém de sua pobreza e ignorância. O medo de amar torna esse povo forte em sua aspiração pela beleza. A amorosidade materna que permitiu o simbolismo do conto de Cora Coralina é a mesma da pedagogia de Paulo Freire. A força totêmica de uma grande mãe confunde-se com o Brasil. A bondade alimenta-se de uma artística missão: amar o povo a partir da união com a natureza põe-nos em contato com o reino poético das formas a descobrir. Nossa pedagogia vacilante, que tanto reluta para assumir o legado freireano, precisa também retirar da terra seus meninos verdes e fazê-los ressignificar a educação.

Prof. Dr. Marcus Vinícius Minuzzi

Jornalista, doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS-RS). Professor Titular na Faculdade Araguaia. E-mail: marcus_minuzzi@yahoo.com.br

